

Negatividade e fracasso em Cassandra Rios: repensando afetos *queer*

Negativity and failure in Cassandra Rios: on rethinking queer affections

Marcelo Branquinho Massucatto Resende¹

RESUMO: Partindo da fortuna crítica sobre a escritora Cassandra Rios, analiso, com base na fenomenologia queer de Sara Ahmed (2006) e a crítica às genealogias da história LGBTQIA+, de Heather Love (2007), possibilidades de reelaborar percepções passadas, bem como o passado literário e pessoal da escritora lésbica Cassandra Rios. O intuito é encarar as faltas e elementos problemáticos presentes nos romances da autora, muitas vezes deixados de lado pelos estudos cassandrianos, de modo a enfocar as faltas e a negatividade queer presente na escrita de Cassandra Rios. Com isso, espera-se abrir caminho para pensar novas possibilidades e pistas para enxergar um elemento chave da história lésbica e LGBTQIA+ brasileira.

ABSTRACT: Departing from the critical fortune on the writer Cassandra Rios, I analyze, based on the queer phenomenology by Sara Ahmed (2006) and Heather Love's criticism on the genealogies of LGBTQIA+ history (2007), possibilities of re-elaborating past perceptions, as well as the literary and personal past of lesbian writer Cassandra Rios. The aim is to face the lacks and problematic elements present in the author's novels, often left aside by Cassandrian studies, in order to focus on the failures and queer negativity present in Cassandra Rios' writing. With this, it is hoped to pave the way for thinking about new possibilities and clues regarding a key element of Brazilian lesbian and LGBTQIA+ history.

PALAVRAS-CHAVE: Cassandra Rios; Fenomenologia queer; Literatura lésbica.

KEYWORDS: Cassandra Rios; Queer phenomenology; Lesbian literature.

¹ Doutorando e mestre pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Araraquara. Atualmente desenvolve tese de doutorado, com apoio financeiro da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), sobre as manifestações das identidades trans nas literaturas de língua portuguesa no século XXI, com foco em Brasil, Cabo Verde e Portugal.



A escritora brasileira Cassandra Rios possui uma trajetória, no mínimo, interessante. Parte de uma contracultura literária que vai dos anos 1950 a 1980, a paulistana construiu um nicho literário em que seu nome praticamente aparece indissociável da iconografia construída no imaginário popular e de seus leitores: as capas de livros com figuras sensuais femininas sofrendo assédio por homens. Ou mesmo capas apelativas com fotos de modelos que obedecem ao padrão da beleza da época com seios à mostra. Nas páginas dos livros, narrativas que envolviam casos de amor mal resolvidos entre personagens lésbicas, transexuais ou até mesmo heterossexuais.

Para além disso, a escritora também obteve grande sucesso de vendas, sendo talvez uma das poucas escritoras mulheres a alcançar a marca de mais de 250 milhões de cópias vendidas, algo parecido apenas visto com Jorge Amado, entre os seus contemporâneos. A escrita simples e de fácil leitura possibilitava o acesso à leitura para setores sociais que passavam pela madame até a empregada doméstica. Somado a isso, o fato de seus livros conterem personagens lésbicas logo chamou a atenção dos censores da ditadura militar a partir de 1968. Assim, seus livros passaram a ser frequentemente retirados de circulação. Muitos, até mesmo, queimados.

No entanto, muito antes da censura se institucionalizar no Brasil, a escritora já estava habituada a sofrer com a censura da sociedade civil, que se manifestou no famoso episódio que envolveu a circulação do romance *Eudemônia* (1952) e a posterior adaptação do livro em forma de peça de teatro, intitulada *A mulher proibida*, em 1959. Por iniciativa de setores conservadores da sociedade civil, as cópias do romance foram retiradas de circulação e incineradas. A peça, por outro lado, jamais encenada. (VIEIRA, 2014, p. 58)

Conforme a ditadura militar e seu infame AI-5 perdiam a força ao fim dos anos 1970, Cassandra Rios voltou a ter liberdade para publicar e fazer seus livros circularem sem a censura. No entanto, a escritora publicaria apenas mais alguns títulos, culminando com sua última publicação que circulara em forma editorial em 1982, com *Eu sou uma lésbica*, publicado inicialmente em forma de folhetim pela revista *Status*. Com a redemocratização, a escritora se candidatou como deputada estadual em 1986 pelo PDT, mas não chegou a ser eleita. Talvez a popularidade de seu nome estivesse atrelada à censura instituída pela ditadura e, conseqüentemente, seu sucesso e popularidade também dependessem dessa narrativa construída concomitantemente pela censura e pela autora (VIEIRA, 2014; RESENDE, 2020).

Uma biografia como essa certamente rende muito material para a construção de uma figura histórica da cultura popular e literária brasileira. É natural que, ao buscar por uma história e um passado *queer*, muitos pesquisadores LGBTQIA+ (eu incluso) possam cair na armadilha da busca por uma narrativa heroica norteadora de um passado glorioso. Uma narrativa gloriosa que preencha os buracos do presente, ou até mesmo que construa um passado que pareça ser mais importante que o presente, obstruindo as possibilidades de emergência de novas vozes.

Eu mesmo, enquanto pesquisador fascinado pela figura e história de Cassandra Rios, já escrevi diversos artigos em que aponto para possibilidades de leitura de suas obras.²

Conforme observa Heather Love (2007), é comum que pessoas LGBTQIA+, mesmo na condição de pesquisadores, possuam uma tendência a romantizar o passado de ícones incompreendidos, que estavam submetidos a forças

² Ver RESENDE (2018); RESENDE (2019); RESENDE (2021).



conservadoras próprias de seus tempos, e que, para isso, precisavam encontrar modos de resistência, por mais controversos que pudessem ser em leituras futuras. Vale ressaltar que não há como manter o distanciamento entre o pesquisador e seu objeto de estudo, uma vez que todo tipo de conhecimento produzido é marcado pela subjetividade, espaço e história que atravessam o corpo do sujeito que escreve, como demarca Sara Ahmed (2009) em sua fenomenologia *queer*. É, portanto, natural que pesquisadores *queer* projetem suas faltas e frustrações com o momento presente no passado. A crítica que faço não se direciona a esses sujeitos em si, mas ao modo de enxergar o presente, e consequentemente, o passado.

Ao pensarmos a história de modo teleológico, podemos cair na armadilha do progressismo, ou seja, de que o passado é sempre inferior ao presente, no sentido de que o presente possui respostas, tecnologias e soluções para problemas que, no passado, eram difíceis de serem nomeados e solucionados. A consequência dessa visão, para a comunidade LGBTQIA+ e dissidentes de gênero, é o de anestesiamiento da revolta a partir da construção de um passado supostamente glorioso, preenchido por figuras *queer* martirizadas, com narrativas heroicas marcadas por sucesso em serem subversivas.

De forma similar, Pedro Amaral (2010) aponta para a romantização construída em torno de figuras controversas do passado brasileiro, como Adelaide Carraro e Cassandra Rios. Ainda que o trabalho enfraqueça por se tratar de um viés excessivamente sociológico e materialista para a análise das duas figuras, Amaral traz contribuições interessantes para pensar sobre a negatividade e o fracasso presentes na trajetória de Rios, algo que é frequentemente ignorado ou relido com bons olhos por aqueles que buscam construir na autora uma figura de mártir do movimento LGBTQIA+.

Voltando a Heather Love (2007), a autora aborda, no contexto da literatura de língua inglesa, a tentativa de inscrever imagens heroicas em figuras controversas do século XX, como Willa Cather e Radclyffe Hall, aliada a trajetórias igualmente heroicas como forma de, talvez, preencher as lacunas e faltas do presente, e de validar o nosso presente enquanto dissidentes de gênero e sexualidade a partir de um passado idílico:³

Ao incluir figuras *queer* do passado em uma genealogia positiva da identidade gay, compensamos seu sofrimento, transformando sua vergonha em orgulho após o fato. Entendo esse impulso não apenas como uma característica generalizada, mas estrutural do campo, uma forma de contrariar a vergonha de ter um passado sombrio. [...] os críticos *queer* tendem a negar sua necessidade do passado, concentrando-se no aspecto heróico de seu trabalho de recuperação histórica. Como muitos amantes exigentes, os críticos *queer* prometem resgatar o passado quando na verdade sonham em serem resgatados. (LOVE, 2009, p. 32-33, tradução própria⁴).

Ao entrarmos em contato com pesquisas que apresentam um panorama aprofundado da vida de Cassandra Rios, como aquela conduzida por Kyara Maria de Almeida Vieira (2014), é possível constatar que, por trás de uma persona forjada por meio dos discursos militares, do senso comum, e da própria autora por meio

³ Radclyffe Hall e Willa Cather, inclusive, apresentam diversas semelhanças com a figura de Cassandra Rios. *O poço da solidão* (1928), de Hall, apresenta uma narrativa de dissidência de gênero centrada na figura de Stephen, a quem atribuíram o sexo feminino no nascimento, mas que não consegue ter a validação e reconhecimento social necessários para reivindicar o gênero masculino, com o qual se reconhece. A autora, no entanto, sempre rejeitou a posição de militante ou de mártir. Cather, por outro lado, enquanto se vestia com roupas atribuídas ao sexo masculino, escrevia cartas românticas para outras mulheres, se identificava como sujeito conservador e pouco aberta a se expressar como alguém progressista, que lutasse e militasse para que outros sujeitos dissidentes pudessem alcançar as mesmas liberdades de que ela usufruía.

⁴ "By including *queer* figures from the past in a positive genealogy of gay identity, we make good on their suffering, transforming their shame into pride after the fact. I understand this impulse not only as a widespread but as a structural feature of the field, a way of counteracting the shame of having a dark past. [...] *queer* critics tend to disavow their need for the past by focusing on the heroic aspect of their work of historical recovery. Like many demanding lovers, *queer* critics promise to rescue the past when in fact they dream of being rescued themselves." (LOVE, 2009, p. 32).



de seus livros (RESENDE, 2019), havia uma mulher conservadora, que inclusive era amiga de alguns dos generais por trás do governo brasileiro durante a ditadura militar. Havia também uma figura que apresentava desprezo a expressões de pornografia, erotismo e homossexualidade. Em seus livros, muitas vezes o pensamento retrógrado e conservador se manifestava, como quando escrevia sobre personagens travestis, frequentemente confundidas no espectro da androginia e transexualidade – a saber, os romances *Georgette* (1956) e *Uma mulher diferente* (1965).

O primeiro trabalho publicado sobre a autora, de Rick Santos⁵ – amigo íntimo de Cassandra Rios – ilustra perfeitamente a tentativa de ressignificar os traços de conservadorismo expressados pela autora e por suas obras. Ao analisar *Uma mulher diferente* como a representação de um olhar irônico e subversivo sobre os preconceitos e transfobia da sociedade brasileira, o pesquisador faz um esforço para inserir em Rios o símbolo de escritora de vanguarda, heroica por ter sido uma voz que não foi ouvida enquanto estava viva:

É evidente que o texto/discurso produzido por Rios não é, de forma alguma, uma zona 'neutra' entre o discurso do "Pai" e o seu (de mulher, lésbica, latina, escritora sob um regime de ditadura militar). Portanto, a língua/texto criada pela escritora lésbica é, além de transgressora e questionadora, anticanônica e de resistência. Ao unir esses elementos, a autora faz da língua um *locus* disruptível e volátil que transgride, "perturba" e põe em xeque a lógica e a legitimidade do discurso falocrático (SANTOS, 2005a, p.179).

Seguindo a temática da transexualidade, Cassandra Rios publica em 1965 o romance *Uma mulher diferente*, em que o detetive Grandão investiga o assassinato

⁵ Devido à dificuldade para encontrar o trabalho original disponível on-line, opto por citar o prefácio e posfácio escritos pelo pesquisador na reedição de *Uma mulher diferente*, publicada em 2005, pela Editora Brasiliense.

da travesti Ana Maria. A investigação revela uma rede de hipocrisias e de tabus que dominavam a opinião da sociedade brasileira sobre as sexualidades policiadas, o que se torna evidente por meio do discurso das personagens que prestam depoimentos sobre Ana Maria ao detetive:

- É que Ana Maria não é Ana Maria.
 - Como assim? Não entendi.
 - Ela era uma mulher diferente, não era ela...
 - O que o senhor está querendo dizer, que não diz nada?
 - Quero dizer que Ana Maria era um travesti. Já ouviu falar isso?
- Ela meneou a cabeça negativamente.
- Ana Maria era um homem que se fazia passar por mulher. Para ganhar a vida. Porque era um anormal. Um pederasta... uma bicha... Entendeu?
- A velha estava pasmada. Não podia demonstrar maior estupefação, desde o instante que Grandão aparecera, até lhe dizer que sua protetora fora assassinada, e agora revelar que ela não era mulher, que era um homem! Era absurdo! Estranho! Incompreensível! (RIOS, 2005, p.39).

Influenciados pela tese de Santos, foram desenvolvidos estudos que se esforçam para reavivar a obra de Cassandra sob o prisma da escrita vanguardista com a qual a escritora soube abordar temas como homossexualidade, prostituição e transexualidade em um contexto em que tais assuntos eram pouco ou raramente discutidos. Sendo assim, estudos realizados ao longo dos anos 2000, como os de Lessa (2003), Facco (2004), Piovezan (2005), Castro (2008) e Lima (2009) são unânimes em afirmar que “o cânone foi sedimentado a partir de uma cultura patriarcal e eurocêntrica alçada à condição de universal, e, por isso, ignorando toda uma diversidade de minorias ou de cultura diversa da instituída como padrão” (CASTRO, 2008, p.64). Assim como Castro, os estudos supracitados enxergam na obra de Cassandra uma contribuição preciosa para a construção de subjetividades das sexualidades policiadas ao longo da história do Brasil, além de representar um



legado para a construção da cultura e identidade LGBTQ+ no campo literário. Tal hipótese se deve ao fato de que os romances cassandrianos frequentemente traziam personagens em desenvolvimento e em fase de descoberta da própria homossexualidade e/ou transexualidade, como no romance de formação *Georgette* (1956), em que Bob se descobre atraído por meninos desde a infância, e na adolescência passa a ser assediado por homens pela sua beleza feminina, eventualmente trocando sua identidade sexual dita masculina por uma tida como feminina.

No início dos anos 2010, alguns estudos sobre a obra da escritora ainda se debruçavam sobre a construção do homoerotismo e da subjetividade lésbica em seus romances, como ocorre nos estudos de Cantalice (2011), Santos (2013) e Messeder e Pereira (2013). Na contracorrente, outros pesquisadores passaram a estudar sua obra sob o prisma social da censura enquanto retrato de uma época – a ditadura militar, bem como o autoritarismo gentil da sociedade civil brasileira que transcende esse contexto – como se verifica na tese de Amaral (2010) e no estudo de Londero (2016). A grande contribuição de Amaral é a de não distanciar Cassandra do campo da pornografia e erotismo, observando que ela foi uma escritora subversiva não por se apropriar de uma linguagem de resistência, mas sim porque fez uso de uma linguagem simples, clara e crua para escancarar a hipocrisia da sociedade, o que tornava seus textos acessíveis e de fácil compreensão. Amaral caracteriza essa marca presente nas obras de Rios como “literatura de empregada”, uma vez que seus romances podiam ser lidos por qualquer camada social, sendo o conteúdo de sua máquina literária algo que se trata

não apenas de um erotismo – vimos que isso não é um problema que leve, hoje, autor algum a um simbólico cadafalso –, mas de um

erotismo pobre, de pobre, de semiletrado. [...] A sua presença em certos ambientes traria, pois, o incômodo de um deslocamento, uma inadequação do ponto de vista da norma social em vigor. Algo como uma empregada doméstica sentando-se à mesa de jantar de um lar burguês (AMARAL, 2017, p.31).

Sendo assim, ao contrário do que se afirmava e acreditava até então, Amaral não atribui a censura de Cassandra Rios à sua sexualidade, ao erotismo ou às personagens LGBTQs de seus romances, mas a uma censura intelectual ao tipo de literatura mais comercial e distante da estética cânone da época. Bem como a compreensão do signo de Cassandra sob um prisma social, Amaral também contribui com uma visão revisionista a respeito dos rótulos de “militante LGBTQ subversiva” e “escritora mais censurada do Brasil”, construídos em torno da persona literária de Cassandra e reforçados pelos primeiros estudiosos de sua obra. Para defender seu argumento, Amaral descarta a possibilidade de que a escritora possa, de algum modo, ter se apropriado do discurso patriarcal presente no senso comum, bem como nas ciências médicas, como forma de subversão ao logocentrismo.

Embora o estudo seja uma importante contribuição por trazer uma visão inovadora acerca da obra da escritora, é falho por pouco se aprofundar em leituras das obras de Cassandra e muito se apegar a aspectos sociais do período da ditadura e cultura brasileira, não provendo subsídios suficientes para comprovar a tese de que a escritora não teria como objetivo discutir questões sociais relacionadas ao preconceito sexual. Posteriormente, a análise de Amaral foi desdobrada no viés teórico utilizado pela tese de Vieira (2014), à qual intitula-se *Cassandra – A construção do nome e a vida escrita enquanto tragédia de folhetim*, em que a autora realiza um estudo historiográfico a partir da leitura do romance autobiográfico *MezzAmaro: flores e cassis* (2000) à luz do percurso pessoal e literário



da escritora dentro dos campos em que sua literatura e persona foram inscritos ao longo de sua vida. Após extensa análise que abarca a vida da autora entre os anos 1955 e 2001, Vieira chega à conclusão que:

Tornou-se plausível não só questionar a defesa de Cassandra Rios de seu natural dom para ser escritora e sua distância indelével da pessoa Odete Rios, como possibilitou apontar que as narrativas produzidas pelos representantes do poder da censura, da mídia, da literatura não se relacionaram com seu nome e sua obra de maneira unívoca, possibilitando a “contradição irreconciliável” entre as expectativas da construção de seu nome autoral e os usos e apropriações que foram feitas dele (VIEIRA, 2014, 206).

Desse modo, os resultados de Vieira também contribuíram para colocar em xeque a recepção crítica inicial da obra de Cassandra, uma vez que sua persona literária não teria sido apenas produto de uma censura política, civil ou acadêmica, mas uma construção envolvendo um número de instâncias e dispositivos discursivos dos quais a própria escritora teria se apropriado para produzir um “eu” trágico que inevitavelmente acabaria por refletir em sua literatura. Vieira afirma que Cassandra Rios soube tomar para si e ao mesmo tempo negar os rótulos que lhe foram atribuídos, sendo que mesmo os estudos posteriores à sua morte e ao período em que se estabeleceu como nome literário *best-seller* ou como expressão vanguarda de uma subcultura gay carregam a dificuldade de desvincular suas concepções de defesa estética de categorias pré-estabelecidas acerca da ficção e vida da autora.

A confusão entre autora e personagem pode ser verificada no romance *A breve história de Fábria* (1963), em que o diário da personagem-título narra a busca de Fábria por sua Erato e os consequentes assassinatos cometidos em razão de um amor não-correspondido. Em seu diário, Fábria se descreve como uma “figura andrógina, de pensamentos complexos, com conversa confusa” (RIOS, 1963, p.39).

Phaedra passa a investigar a veracidade dos fatos e descobre, por meio do pai de Fábria, o fato de que “Ela diz que tem um segredo. Um terrível segredo. Quer ser escritora! Gosta de impressionar os outros com estórias fantásticas” (RIOS, 1963, p.107). Ao conhecer Fábria pessoalmente, Phaedra se espanta com o contraste entre a realidade e a persona andrógina criada pela garota em sua escrita. As duas eventualmente se apaixonam e o relacionamento só chega ao fim porque Phaedra lê novamente o diário de Fábria, onde encontra menção não mais a Erato (representada por Phaedra), mas a uma Thiersin, que Phaedra entende como sendo uma traição. Por fim, Phaedra come um doce envenenado que Fábria havia colocado em sua mochila ao lado de uma carta para evitar que ela lhe abandonasse. Após a morte de Phaedra, Fábria também come um pedaço do doce e morre ao lado de seu amor. Em *Georgette*, a personagem-título também recebe um final trágico após se encontrar traída e abandonada por todos os homens com quem havia se envolvido afetivamente: indo desde o amor de infância Artur a Clóvis, o homem abastado que lhe incentivou a se descobrir enquanto mulher. Georgette, então, decide se jogar na frente de um trem para dar fim à própria vida. Em *Uma Mulher Diferente*, o destino trágico da travesti Ana Maria é anunciado desde a primeira página, uma vez que fora assassinada com requintes de crueldade. Os três romances trazem percursos parecidos para suas protagonistas andróginas/travestis/transexuais, uma vez que todas são assassinadas ou cometem suicídio. As personagens *bad queers* presentes nos romances, espelham em muito, a própria figura que a autora construía como ficção de si. Algo que vai em caminho contrário à imagem construída no discurso midiático e acadêmico após a morte da escritora. De acordo com Vieira, assim como a androginia de seus personagens, Cassandra também construiu para si



um “eu” trágico a partir da relação com sua arte de escrever, o reconhecimento de que sua obra, ao tornar-se autoral, mudou os rumos de sua vida, ora cedendo às várias tentativas de captura que foram agenciadas pelos dispositivos da sexualidade, ora rompendo certos lugares de demarcação atribuídos à sua obra literária e à sua vida pessoal (VIEIRA, 2014, p.207).

Seja nas suas personagens protagonistas ou na construção de sua persona, Cassandra Rios emana uma força de negatividade que perpassa afetos importantes para o movimento LGBTQIA+ em momentos históricos em que isso foi necessário para construir novas possibilidades de existência (vide Revolta de Stonewall e as manifestações do movimento *Act Up* no Norte Global). Os casais lésbicos dos romances cassandrianos, frequentemente, morrem por assassinato ou suicídio. O mesmo destino é dado às duas personagens trans que aparecem em sua obra: Georgette/Bob e Ana Maria. O ódio e a revolta causados por olhar para uma historiografia que não está à altura do que construímos no presente é um afeto potencialmente propulsor de mudanças, como observa Heather Love (2007).

Com isso posto, ao trazer à tona e encarar o lado negativo das obras e da persona construídas por Cassandra Rios, não pretendo renegar a importância de uma figura *queer* do século XX da cultura brasileira. Também não pretendo negar a importância de conhecer eventos do passado para construir um presente melhor. Ao encarar e incorporar a negatividade presente na trajetória da autora enquanto expressão do potencial de fracasso *queer*, podemos conviver com esse fantasma na expectativa de pensarmos o presente enquanto manifestação de futuro dissidente na forma de subjetividades e potencialidades de sujeitos que emergem da raiva, da vergonha alheia e da tristeza de não haver ícones à altura do que esperamos para dar conta de representar a complexidade das subjetividades emergentes na contemporaneidade.

Se trata também de uma estratégia de resistência à colonização do inconsciente e de subverter as ações de adestramento dos afetos negativos advindo dos dissidentes sexuais. Heather Love (2007) sublinha que a raiva, a infelicidade e o ódio são sentimentos e afetos fundamentais para mobilizar as massas que reivindicam mudanças e melhoras sociais. Ao tentar assimilar os direitos de sujeitos LGBTQIA+ espelhados e parodiados na lógica da economia heterossexual, há um processo de anestesiamiento das resistências em potencial desse seguimento social.

Da mesma forma, traçar uma genealogia teleológica e heroica da historiografia literária LGBTQIA+ brasileira poderia mascarar aquilo que necessita ser melhorado e modificado nas formas de encarar a literatura enquanto dispositivo de poder discursivo. É possível reconhecer a importância histórica na obra de Cassandra Rios para representatividade de uma parcela social historicamente silenciada, mas ao mesmo tempo encarar os comentários transfóbicos, homofóbicos, gordofóbicos e xenófobos que retratam não só a convivência da obra com valores apregoados pelo senso comum, como também possíveis expressões autênticas do conservadorismo da autora. A essa experiência, Heather Love (2007) se dirige como uma experiência histórica de vergonha e segredo, que

deixou sua marca na subjetividade *queer*. Os efeitos dessa história são muitas vezes entendidos simplesmente como resíduos históricos, vestígios visíveis de homofobia considerados vergonhosos em si mesmos. Em vez de negar ou tentar “superar” esse passado, no entanto, os sujeitos *queer* podem começar a forjar uma política que mantém a fé com aqueles que recuaram e aqueles cujos nomes foram esquecidos. Esses sujeitos não acordam depois de um século assombrando o submundo, prontos para mergulhar em um futuro glorioso. Engajar-se e usar a experiência do fracasso como recurso é crucial para a construção de um modelo de subjetividade política



com o qual todos possamos conviver. [...] Dada a ruína a que estão sujeitos os outros da história, precisamos reconhecer e até afirmar formas de subjetividade política arruinada. Quero sugerir que precisamos de uma política forjada à imagem do exílio, da recusa, até mesmo do fracasso. Tal política pode oferecer, para citar aquele belo perdedor Nick Drake, “uma cura perturbada para uma mente perturbada”. (LOVE, 2007, p. 71, tradução própria⁶).

Seguindo essa possibilidade de pensar o passado, o ato de reconhecer a falha e negatividade – que possivelmente fazia sentido para o contexto em que Cassandra Rios viveu enquanto estratégia de resistência – pode abrir portas para a experimentação de novas possibilidades de negatividade. Desse modo, enfrentar o presente enquanto possibilidade de otimismo e futurismo, no lugar de maldição, convivência com os horrores em curso e realidade condicionada e inferiorizada a um passado idílico. Não se trata, portanto, de diminuir a importância de traçar genealogias do passado LGBTQIA+, mas de como olhamos para esse passado e de como optamos por criá-lo. Ao darmos a impressão de que houve um passado heroico e glorioso de combate e resistência aos autoritarismos civis e institucionais do século XX, nos sentimos falsamente anestesiados em relação ao presente, como se o passado oferecesse respostas e receitas prontas para o enfrentamento diário dos autoritarismos reinventados com os quais temos que lidar no século XXI.

Uma revisitação a romances como *Georgette* (1956), *Uma mulher diferente* (1965) e *Mutreta* (1971), cada um publicado em uma década diferente da carreira da

⁶ Has left its imprint on queer subjectivity. The effects of this history are often understood simply as historical waste products, visible traces of homophobia considered shaming in themselves. Rather than denying or trying to “get over” this past, however, queer subjects might begin to forge a politics that keeps faith with those who drew back and those whose names were forgotten. Those subjects do not wake up after a century haunting the underworld ready to plunge ahead into a glorious future. Engaging with and using the experience of failure as a resource is crucial to the construction of a model of political subjectivity that we can all live with. [...] Given the ruination to which history’s others are subject, we need to recognize and even affirm forms of ruined political subjectivity. I want to suggest that we need a politics forged in the image of exile, of refusal, even of failure. Such a politics might offer, to quote that beautiful loser Nick Drake, “a troubled cure for a troubled mind”.

escritora, nos permite observar que transfobia, gordofobia e racismo transparecem de forma recorrente na escrita da autora, emergindo como questões a serem levadas em conta no momento de reler a persona literária construída por Odete Rios. Esses elementos devem ser problematizados e colocados em xeque na produção de verdades e de uma mitologia relacionada à figura da autora, compreendendo assim que mesmo os ícones de resistência do passado possuíam suas faltas, defeitos e elementos problemáticos, o que dá para o presente a oportunidade de mudança e leitura crítica sobre o passado, evitando a repetição de faltas e problemas presentes no século passado. As personagens como Flávia, de *Eu sou uma lésbica*, que, por fim, mata o marido de sua pretendente Kênia, é um exemplo de como as *bad queers* de Cassandra Rios passam longe do que é considerado subversivo na contemporaneidade. No entanto, trata-se de uma estratégia de resistência condicionada ao contexto de sua escrita e publicação.

Não se trata de um silenciamento da autora por meio da produção de uma verdade absoluta e definitiva, mas sim da possibilidade de encontrar novas camadas e camadas de leituras a partir da negatividade presente não só no texto literário cassandriano, como também em seu texto biográfico, como forma de dar novo fôlego a produções acadêmicas e ampliar o leque de leituras possíveis sobre a autora.

Para além de buscar produzir uma verdade fixa sobre a figura de Cassandra Rios e sua literatura, procuro repensar o modo de olhar para os fantasmas do passado LGBTQIA+ brasileiro como forma de buscar os afetos que impulsionam para a reivindicação de mudanças, de pensar e desejar o impossível. Como sublinha Heather Love ao elaborar sobre o conceito de “apegos feridos”:

Alguns aspectos da história lésbica só sobrevivem no presente por meio de ligações tão feridas e que cortá-los significará colocar partes



importantes – ainda que traumáticas – do passado para descansar. A história *queer* é, em certo sentido, nada mais que apegos feridos: um “engajamento debilitante com o passado” pode ser apenas outro nome para a prática da história. [...] Embora existam aspectos do passado que podemos ser incapazes de ver por causa do luto não resolvido, a chave para tornar presentes as perdas históricas não é necessariamente lamentá-las: o luto pode ser outro nome para o esquecimento. (LOVE, 2007, p. 43, tradução própria⁷).

É necessário olhar para as figuras queer do passado brasileiro com seus méritos, mas também com suas faltas e falhas, para que não caiamos num cadafalso de eterna repetição de estruturas e uma ideia de literatura enquanto mera mimetização de uma suposta realidade ontológica e universal. A postura de enfrentamento e de reprodução subversiva de ideais do senso comum poderia ter funcionado para Cassandra Rios enquanto uma expressão de negatividade queer própria do século XX, o que não significa que sua reprodução literal funcionaria para o momento presente. Reconhecer o fracasso e a negatividade como importantes pilares para reinventar as políticas dos afetos pode ser uma importante ferramenta de reinvenção, ruptura e criatividade para oferecer novas formas de existir, uma vez que vivemos em uma sociedade neoliberal em que as formas de existência são extremamente limitadas.

⁷ Some aspects of lesbian history only live on in the present through such wounded attachments and that severing them will mean putting important – albeit traumatic – parts of the past to rest. *Queer* history is, in a sense, nothing but wounded attachments: a “debilitating engagement with the past” might just be another name for the practice of history. [...] While there are aspects of the past we may be unable to see because of unresolved grief, the key to making historical losses present is not necessarily to mourn them: mourning can be another name for forgetting.

Referências bibliográficas

AHMED, Sara. *Queer phenomenology: orientations, objects, others*. Durham; Londres: Duke University Press, 2006.

AMARAL, Pedro. *Meninas más, mulheres nuas: as máquinas literárias de Adelaide Carraro e Cassandra Rios*. Rio de Janeiro: Papéis selvagens, 2017.

CANTALICE, Juvianiano Gomes. *Configurações do homoerotismo feminino na obra As Traças, de Cassandra Rios*. 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade). Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <<https://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/download/dissertacoes/Dissertacoes2011/Juvianiano%20Cantalice.pdf>>. Acesso em 18 mai. 2022.

CASTRO, Maria Glória de. O interdito no ideal de nação: a lesbiana existe para a literatura brasileira?. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.32, 2008, pp. 57-67. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/1998/1577>>. Acesso em 10 mai. 2022.

FACCO, Lúcia. *As heroínas saem do armário: literatura lésbica contemporânea*. São Paulo: Edições GLS, 2004.

LIMA, Maria Isabel. *Cassandra, Rios de lágrimas: uma leitura dos inter (ditos)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93291>>. Acesso em 20 mai. 2022.

LONDERO, Rodolfo Rorato. *Pornografia e censura: Adelaide Carraro, Cassandra Rios e o sistema literário brasileiro nos anos 1970*. Londrina: Eduel, 2016.

LOVE, Heather. *Feeling backward: loss and the politics of queer history*. Cambridge; Londres: Harvard University Press, 2007.

MESSEDER, Suely Aldir; PEREIRA, Ana Gabriela Pio. O encontro no universo lésbico de Cassandra Rios: desafios, ambiguidades e tensões nos atos performativos



masculinizados em “mulheres lésbicas”. In: *Via Atlântica*. N. 24, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/58049/99103>>. Acesso em 18 mai. 2022.

PIOVEZAN, Adriane. *Amor romântico x deleite dos sentidos: Cassandra Rios e a identidade homoerótica feminina na literatura (1948-1972)*. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal do Paraná, 2005. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/6057>>. Acesso em: 18 mai. 2022.

RESENDE, Marcelo Branquinho. Contrassexualidade em romances de formação de Cassandra Rios: uma leitura de *Eu sou uma lésbica* e *Georgette*. In: *Entrelaces* (UFC). V. 1, p.207-221, 2018. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/39804>>. Acesso em 18 mai. 2022.

RESENDE, Marcelo Branquinho. Odete, a andrógina: pseudônimos masculinos de Cassandra Rios. In: *Revista Crioula (USP)*, v. 24, p.112-124, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/crioula/article/download/162548/158688/387540>>. Acesso em 18 mai. 2022.

RESENDE, Marcelo Branquinho Massucatto. Cartografando a São Paulo de Cassandra Rios: entre espaços urbanos e de circulação em Mutreta (1971). In: *REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS*, v. 2, p.370-387, 2021. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/5212/pdf>>. Acesso em 17 mai. 2022.

RIOS, Cassandra. *Mutreta*. São Paulo: Record, 1977.

RIOS, Cassandra. *A breve história de Fábila*. São Paulo: Mundo Musical, [s/a].

RIOS, Cassandra. *Uma mulher diferente*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SANTOS, Rick. Uma visão queer do discurso de Cassandra Rios. In: RIOS, Cassandra. *Uma mulher diferente*. São Paulo: Brasiliense, 2005a.

SANTOS, Rick. Apresentação crítica e atualizada desta edição. In: RIOS, Cassandra. *Uma mulher diferente*. São Paulo: Brasiliense, 2005b.

VIEIRA, Kyara Maria de Almeida. “Onde estão as respostas para as minhas perguntas”?: *Cassandra Rios - a construção do nome e a vida escrita enquanto tragédia*

de folhetim (1955-2001). 2014. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Pernambuco, Recife. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11869/1/TESE%20Kyara%20Maria%20de%20Almeida.pdf>>. Acesso em 18 mai. 2022.

Recebido em 27/05/2022

Aceito em 17/11/2022